ESCALAPB PB
ESCALACOR COR
Produto: ESTADO - BR - 24 - 29/01/06
A24 - B24H Proof

MUNDO ANIMAL

O mistério das baleias que se perdem

É difícil esclarecer os extravios de baleias, mas o aumento do número de casos levanta suspeita sobre sonares

AMBIENTE

As gigantes dos mares

Encalhe e morte de baleia no Rio Tâmisa reacende o mistério sobre o comportamento atípico desses cetáceos, que perdem o rumo e vão parar em locais direferentes de seus hábitats

Atividades que deslocam o rumo

Vazamento de óleo
Agressões superficiais, manchas de óleo atrapalham os períodos em que as baleias estão procriando e amamentando, durante o verão

Sonares e testes sísmicos
Ondas sonoras interrompem a comunicação entre baleias. Também as afugentam das profundezas para a superfície. A subida rápida causa dano físico por descompressão

Atividade baleeira
Mais de 2 mil baleias ainda são mortas anualmente por baleeiros japoneses, noruegueses e islandeses, apesar da moratória internacional decretada em 1973

Aquecimento global
Já há casos documentados de baleias que mudaram seu curso migratório normal para evitar localidades em que a temperatura da água subiu além da média histórica

Locais dos principais encalhes

Causas naturais
Como andam em grupos, infecções passam rapidamente de uma baleia para outra

Baleias

1 Falsa-Orca
Nome científico: *Pseudorca crassidens*
Características: Tem corpo longo e delgado. A cabeça é pequena e de forma oval; a boca, longa e curva, formando um sorriso permanente
Incidência: Ocorre em todos os oceanos. Tem preferência por águas temperadas e tropicais de zonas oceânicas, embora, em águas frias, possa ser encontrada próximo à costa. É utilizada para consumo humano no Japão, Taiwan, China e em algumas ilhas do Caribe
Comprimento: 5 m, em média
Peso: 2,2 toneladas (machos) e 1,1 tonelada (fêmeas)

2 Franca
Nome científico: *Eubalaena australis*
Características: O "esguicho" característico em formato de "v". Tem calosidades ou verrugas no alto e nas laterais da cabeça, as quais propiciam a formação de colônias de espécies de "cracas" que lhes dão uma cor esbranquiçada visível a distância. É das mais fáceis de se observar, pois aproxima-se da costa a distância de até 100 m na época de reprodução e criação de filhotes
Incidência: Hemisfério Sul, sendo avistada, de julho a outubro, no Sul do Brasil, principalmente em Santa Catarina
Comprimento: 15 m, em média
Peso: 75 toneladas, em média

3 Piloto
Nome científico: *Globicephala melas*
Características: cabeça em formato de globo sem cara definida. Nadadeira dorsal grande e falcada localiza-se próxima à cabeça, as peitorais são longas e em forma de bumerangue. A coloração é predominantemente preta com uma mancha branca na barriga
Incidência: Hemisférios Norte e Sul. No Norte, numa linha que vai da costa leste dos EUA ao Mar do Norte e no Mediterrâneo. No Sul, numa linha que passa, no Atlântico, pela latitude de São Paulo, sul da África do Sul e da Austrália
Comprimento: 3 m a 7,6 m
Peso: 1 a 4 toneladas

4 Jubarte
Nome científico: *Megaptera novaeangliae*
Características: Tem nadadeiras peitorais muito grandes. A dorsal é pequena e fica em cima de uma corcova. A caudal tem bordas recortadas. Costuma saltar no ar, por cima da água, deixando visível todo o seu corpo. O borrifo é espalhado, em forma de balão
Incidência: São animais migratórios, ocorrendo em todos os oceanos desde as regiões polares às baixas latitudes. Migram para regiões mais quentes, junto ao litoral, durante o inverno e a primavera. A região do Banco de Abrolhos é uma área de grande importância para a reprodução
Comprimento: 16 m
Peso: 35 toneladas

5 Bicuda
Nome científico: (a) *Hyperoodom ampullatus* e (b) *Ziphius cavirostris*
Características: Vive em grupos de 4 a 20 baleias (a) e 2 a 7 (b) indivíduos, mas forma grupos de até 25 exemplares. Pode realizar mergulhos profundos e ficar submersa por mais de 40 minutos. Sua dieta é basicamente de lulas, peixes de águas profundas e ocasionalmente de crustáceos
Incidência: A *H. ampullatus* freqüenta o Atlântico Norte. A *Z. cavirostris* é cosmopolita, encontrada em todos os oceanos do mundo, em águas tropicais e temperadas
Comprimento: 7 m, em média
Peso: 4 a 7,5 toneladas

6 Minke
Nome científico: *Balaenoptera acutorostrata*
Características: Uma das menores do mundo. Vive em pequenos grupos; às vezes, sozinha. Tem corpo afilado e esguio. Sua coloração é preta ou cinza-escuro no dorso; na região da barriga, é branca. Pode haver manchas brancas em ambas as nadadeiras peitorais, que são pequenas e pontudas
Incidência: São encontradas em águas tropicais, temperadas e frias de todos os oceanos, em áreas costeiras e oceânicas. Ocasionalmente, pode penetrar em baías e estuários em águas de pouca profundidade
Comprimento: 8 m a 10 m
Peso: 8 a 13 toneladas

CONSULTORIA: MARIO ROLLO

ARTESTADO/WILLIAM MARIOTTO

Ricardo Muniz

Baleia dobra à direita quando deveria seguir reto (ou vice-versa), vai parar no centro de Londres, passa mal e morre ainda na ambulância. Poderia ser letra de rock psicodélico, mas é o roteiro de um acontecimento que mobilizou milhões de espectadores em todo o mundo no último dia 21 – em especial milhares de curiosos apinhados às margens do Rio Tâmisa.

Perdida, isolada do grupo, muito distante de seu território de alimentação no Atlântico Norte e lutando com a baixa profundidade da avenida aquática em que se meteu – o que lhe custa sucessivos encalhes –, ela atrai imediatamente a simpatia da opinião pública. Indiferente à torcida, a desgarrada morre horas depois do início da operação de resgate. Sem nada mais a fazer, especialistas da Sociedade Zoológica de Londres conduzem dias depois uma autópsia que não explica muita coisa: a causa mortis da baleia bicuda (*Hyperoodon ampullatus*) de 7 toneladas e quase 6 metros foi desidratação. Ela estava obstinada em seguir para oeste, mas pegou um atalho que lhe custou a vida.

Nos últimos dez anos, os registros de encalhes de cetáceos (grupo que abrange baleias e golfinhos) na costa da Grã-Bretanha dobrou. Em dezembro, um grupo de outra variedade de baleias bicudas, as de Cuvier (*Ziphius cavirostris*) encalhou nas praias da Cidade do Cabo, na África do Sul.

No Brasil, um dos episódios mais recentes foi o encalhe de uma baleia jubarte (*Megaptera novaeangliae*) em agosto de 2004, em Niterói: após três dias de agonia devidamente televisionada e, apesar do esforço das equipes da Defesa Civil, a baleia de 18 toneladas morreu. As ocorrências tornaram-se comuns na Austrália e Nova Zelândia, onde os maiores encalhes em massa já documentados de baleias ainda vivas envolveram falsas-orcas (*Pseudorca crassidens*) e baleias piloto (*Globichephala melas*).

MISTÉRIO

O pior, porém, é que as perspectivas de que tais episódios sejam completamente elucidados não são das melhores. A dificuldade para estudar criaturas que vivem nas profundezas do mar é empecilho para que se entenda minimamente comportamentos atípicos como o da baleia do Tâmisa, que mergulha até 1,4 quilômetro abaixo da superfície. "Há várias hipóteses para explicar os extravios, mas nenhuma comprovada", diz Mario Manoel Rollo Júnior, biólogo que lidera o Grupo de Pesquisas em Ecologia Espacial e Comportamental de Cetáceos da Universidade Estadual Paulista (Unesp).

Uma possibilidade é que as baleias sofram de tempos em tempos verdadeiras panes em seu sistema de eco-localização. Orientando sua navegação pelo perfil geomagnético da Terra, qualquer oscilação de campo causaria manobras potencialmente desastrosas. Barbeiragens durante a perseguição de presas ou a fuga de predadores em águas rasas também não devem ser descartadas. "As baleias também erram", diz Rollo.

Outra explicação é a incidência de epidemias. "Como são animais que andam em grupo, as infecções se alastram com facilidade." Doentes e fracas, é como se as baleias praticassem eutanásia rumando para a praia.

"É possível que, por falta de conhecimento, não se chegue a conclusão alguma sobre a presença daquela baleia no Rio Tâmisa", diz Marcos César de Oliveira Santos, coordenador-geral do Atlantis, projeto apoiado, entre outras instituições, pelo Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo. Ele lista mais hipóteses: condições oceanográficas e topográficas locais, como rápidas variações de marés associadas a regiões costeiras repletas de bancos de areia; condições de tempo adversas; capturas acidentais em operações de pesca; ferimentos provocados por equipamentos e explosivos utilizados em pesca, em prospecção de petróleo e gás ou para fins militares.

Assustado com o sonar, animal sobe rápido demais e tem hemorragia

RUÍDOS E TRÁFEGO CONFUSO

O aquecimento global, também neste caso, pode atuar como vilão. Mudanças de temperatura em correntes oceânicas desorganizariam padrões de migração. Algumas populações de baleias já foram detectadas mudando ligeiramente a rota ao norte para se manter em águas mais geladas.

Mas é a proliferação do uso de sonares que vem atraindo a desconfiança dos ativistas. Ondas sonoras de baixa freqüência viajam centenas de quilômetros, cortando a comunicação entre as baleias. Pode ser também que os sons assustem cetáceos de águas profundas, levando-os a rumar para a superfície rápido demais. Como resultado, surgem bolhas nos tecidos e hemorragia de órgãos internos, ferimentos típicos de um grave acidente de descompressão.

Um episódio na costa da Grécia, em 1996, coincidiu com os dias em que o navio Alliance, da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), testava sonares de localização de submarinos. A conclusão de uma pesquisa da Universidade de Atenas foi que a probabilidade de outra explicação para o encalhe de 14 baleias bicudas de Cuvier, senão a ação de sonares da Otan, era de 0,07%.

"Pouco se sabe sobre a reação das baleias a sonares", diz o estudo, publicado pela *Nature* em março de 1998. "Infelizmente, a maior parte dos dados sobre o uso de sonares é segredo militar." Em setembro de 2002, outro grupo perdeu o rumo e morreu encalhado durante um exercício da Marinha espanhola nas Ilhas Canárias. ● COM THE GUARDIAN